

## Resenha

**TORRES, Marie-Hélène Catherine;**  
**FREITAS, Luana Ferreira de;**  
**COSTA, Walter Carlos (Orgs.).**  
*Literatura traduzida: Antologias,*  
*coletâneas e coleções.* 1. ed. Coleção  
Transletras. Fortaleza: Substância,  
2016. 242 p.

As seleções na literatura, como instâncias de mediação, têm suscitado o interesse dos Estudos da Tradução há várias décadas. Essa afinidade (e simultaneidade irredutível em alguns casos, como depois os pesquisadores conseguiram apontar) entre os atos de antologizar e traduzir, propiciou uma linha de investigação que segue sem esgotar-se. Pioneiros foram os estudos da Universidade de Göttingen, na Alemanha, sobre grandes *corpora* de antologias de literatura traduzida, examinados de forma descritiva. Tais estudos resultaram em publicações como as de Helga Essmann e Armin Paul Frank, uma delas aparecida no periódico *Target* em 1991<sup>1</sup>. A primeira metade dos anos 90 se revelou frutífera para essa nova confluência

<sup>1</sup> “Translation Anthologies: A Paradigmatic Medium of International Literary Transfer”. In: *Amerikastudien/American Studies* 35.1, 1990, pp. 21-34; e “Translation Anthologies: An Invitation to the Curious and a Case Study”. In: *Target* 3 (1), 1991, pp. 65-90.

de grandes áreas. Por exemplo, a coletânea sobre antologias de tradução, organizada por Harald Kittel em 1995<sup>2</sup>, contém artigos de conhecidos teóricos como Lieven D’Hulst, André Lefevere e Anthony Pym, e confirma o rumo que estavam tomando as pesquisas naquele momento.

Após esses estudos inaugurais, o tema foi abordado por pesquisas concretas, situadas em espaços nacionais ou temporais específicos, como o caso do século XVIII abordado por Barbara Benedict (1996)<sup>3</sup>, da França por Emmanuel Fraisse (1997)<sup>4</sup>, ou da Inglaterra por Barbara Korte, Ralf Schneider e Stefanie Lethbridge (2000)<sup>5</sup>. Novas contribuições foram feitas por Nadine Ly e Geneviève Champeau, no caso do mundo ibérico contemporâneo (2000)<sup>6</sup>, e por Patricia Baubeta para o caso de Portugal (2007)<sup>7</sup>, além

<sup>2</sup> KITTEL, H. (Ed.). *International Anthologies of Literature in Translation*. Göttinger Beiträge zur Internationalen Übersetzungsforschung, Band 9. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1995.

<sup>3</sup> BENEDICT, B. *Making the Modern Reader: Cultural Mediation in Early Modern Literary Anthologies*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

<sup>4</sup> FRAISSE, E. *Les anthologies en France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

<sup>5</sup> KORTE, B.; SCHNEIDER, R.; LETHBRIDGE, S. (Eds.). *Anthologies of British Poetry. Critical Perspectives from Literary and Cultural Studies*. Amsterdam/Atlanta, GA.: Rodopi, 2000.

<sup>6</sup> CHAMPEAU, G.; LY, N. *Le phénomène anthologique dans le monde ibérique contemporain*. Maison des Pays Ibériques, Presses universitaires de Bordeaux (PUB), collection de la Maison des Pays Ibériques, série « Littéralité », Bordeaux.

<sup>7</sup> BAUBETA, P. O. de. *The Anthology in Portugal: A New Approach to the History of Portuguese Literature. The Twentieth Century*. Oxford: Peter Lang, 2007.

do recente *Translation in Anthologies and Collections (19th and 20th Centuries)*, publicado em 2013<sup>8</sup>. Algumas dessas obras são antologias em si mesmas, o que nos sugere a identidade multidisciplinar e coletiva que o objeto levanta. Porém, outras dimensões do assunto precisavam ser problematizadas para além do eixo Europa - EUA. Os antecedentes no Brasil podem ser encontrados em pesquisas de Walter Carlos Costa na PGET (UFSC) e de Silvana Serrani na UNICAMP, bem como em Ana Cristina Cesar (1999)<sup>9</sup>, cuja comparação de antologias em tradução serve de ponto de partida para o texto de John Milton sobre a briga de modernistas e neoparnasianos nas antologias traduzidas no Brasil, que integra a obra organizada por Kittel (1995). Fora esses trabalhos pontuais, portanto, a antologia de ensaios *Literatura traduzida: Antologias, coletâneas e coleções*, organizada por Marie-Hélène Catherine Torres, Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa, significa um gesto inaugural no contexto brasileiro em termos de divulgação de pesquisas, sendo uma publicação que reúne num volume coeso dois gestos de mediação bastante significativos.

O título *Literatura traduzida: Antologias, coletâneas e coleções* é um bom indício da diversidade das pesquisas que ele contém e da forma como lidam com o fenômeno das antologias, coletâneas e coleções, inseridas como

---

<sup>8</sup> SERUYA, T.; HULST, L. D.; ASSIS ROSA, A.; MONIZ, M. L. *Translation in anthologies and collections (19th and 20th centuries)*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2013.

<sup>9</sup> CESAR, A. C. "Bastidores da tradução". In: *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática/IMS, 1999, p. 399-410.

estão na área dos Estudos da Tradução. Ao invés de debater uma definição estrita de um suporte ou outro, essa coleção de ensaios discute as numerosas arestas que a mediação da seleção pela afinidade suscita. Talvez um dos pontos mais relevantes desta coletânea sobre antologias, coletâneas e coleções seja o tratamento não circunscrito às metodologias que os Estudos da Tradução oferecem sobre o objeto de estudo atualmente, e a importância que o volume confere às reflexões sobre a práxis em tradução e antologia. Além disso, o livro oferece uma análise poética em certos ensaios; e abre de forma significativa o universo de objetos que podem ser enxergados pelo viés das seleções e da tradução.

Nessa linha, a introdução, reprodução de uma palestra e intitulada "Antologias, Coletâneas e Coleções, uma introdução", de Marie-Hélène Torres, já adianta o caráter empírico e múltiplo manifesto pelas pesquisas contidas no volume. Como Torres explica, o livro é fruto de um evento organizado na PGET/UFSC, juntamente com a Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET), da UFC, em março de 2013. A partir da reflexão etimológica que Torres realiza no texto, é importante destacar o fato de ela se deter na obra antológica de Manuel Bandeira, que é uma referência-chave da história das antologias no Brasil, além de mencionar o trabalho por ela desenvolvido na *Antologia crítica traduzida das escritoras francesas do século 18*.

## A prática das antologias em tradução

Mesmo contendo um amplo leque de olhares sobre as seleções, os artigos

apresentados no livro poderiam ser agrupados segundo certas linhas conceituais, o que permite resenhamos assim o diálogo que eles estabelecem entre si e os aportes que realizam para a bibliografia prévia da área. Para essa operação, escolhemos um critério ligado à forma da pesquisa ou da reflexão exposta. Em consequência, em um primeiro grande grupo estariam aqueles textos que lidam com diversas arestas da própria prática antologizadora e tradutória. Nele, caberia colocarmos “O tradutor como antologista”, de Paulo Henriques Britto; “Os ensaios de Ugo Foscolo do período paves: uma proposta de tradução e antologia”, de Karine Simoni e, com um tratamento da tradução em si de maneira talvez mais geral, “Fragmentos ou máximas: uma antologia natural dos poetas trágicos gregos?”, de Orlando Luiz de Araújo.

No primeiro artigo desse grupo, Paulo Henriques Britto realiza uma operação de signo inverso: ao invés de partir da duplicidade em termos de mediação das antologias em tradução, ele começa estabelecendo o problema na naturalização e invisibilidade da tarefa do tradutor de poesia como antologizador, mencionando a frequência com que isso acontece, em comparação com a tradução de prosa, por exemplo. Desta maneira, o tradutor de poesia seria em geral, ou pelo menos em muitas ocasiões, um antologizador. Segundo Britto, tradutor, poeta e pesquisador na área, a responsabilidade aumenta na medida em que “[...] os poemas que ele [o tradutor] seleciona para traduzir muitas vezes passam a ser encarados pelos leitores de sua tradução não como *representando* a obra do poeta traduzido, e sim, metonimicamente,

como *sendo* a própria obra” (p. 25). Avaliando as consequências de apresentar trechos de uma obra vasta em extensão na forma de antologia traduzida, Britto cita o exemplo da tradução de E. E. Cummings para o português realizada por Augusto de Campos, onde observa que “[...] o Cummings brasileiro é um poeta mais experimental do que o Cummings norte-americano” (p. 26). A moldagem da antologia e a tradução seria de um grau tal que estaríamos diante da criação de um “novo poeta”: “e esse novo poeta — como o Cummings brasileiro — pode ser bastante diferente do poeta conhecido pelo seu público original, ou até mesmo — como o Byron dos românticos brasileiros — uma figura inteiramente irreconhecível” (p. 27), aponta. Mas Britto também se detém na sua experiência pessoal de antologizador e tradutor, na mecânica das escolhas do corpus a ser traduzido e nas dimensões que devem ser sopesadas nessa instância, e que não se esgotam nem na seleção nem na transferência de uma língua a outra, fazendo parte de uma avaliação, segundo ele, de “custos e benefícios” (p. 30).

Por sua vez, o artigo de Karine Simoni relata um projeto de antologia em tradução, ecoando as produtivas reflexões sobre a prática de antologizar e traduzir de Martha Cheung<sup>10</sup>. Em um

---

<sup>10</sup> “De la ‘teoría’ al ‘discurso’: la elaboración de una antología de traducción” (trad. de Juliana Alzate Sánchez). In: *Mutatis Mutandis*. Vol. 5, n° 1, 2012; e “Representation, Mediation, and Intervention: A Translation Anthologist’s Preliminary Reflections on Three Key Issues in Cross-cultural Understanding”. In: *LEWI Working Paper Serie*. No 14. Hong Kong: David C. Lam Institute for East-West Studies, 2003, pp. 1-25.

tom ao mesmo tempo poético e historiador, Simoni apresenta o contexto em que se inserem os ensaios de Ugo Foscolo, escritos para aulas que o autor ministrou na Universidade de Pavia, em 1809: “[o] núcleo fundamental do pensamento de Foscolo nestes ensaios parece ser a estreita ligação entre a razão que busca a verdade e a palavra que a comunica, em defesa da autonomia e independência do homem de letras e da necessidade da sua intervenção na sociedade” (p. 130). Em seguida, a autora oferece a leitura de um excerto em italiano, com tradução para o português brasileiro, de modo a exemplificar o material com que trabalha. Como descreve, Simoni justifica seu projeto de tradução inédita pelo fato lamentável de Foscolo ser um autor canônico italiano muito pouco conhecido no Brasil; e defende o método antologizador como adequado ao projeto, pelas características que esse meio tem de possibilitar uma aproximação ampliada entre público e autor. A antologia em tradução projetada por Simoni, portanto, teria a virtude de ser tanto retrospectiva quanto prospectiva: “[...] o trabalho de traduzir para construir uma antologia requer também uma reflexão sobre os textos que não foram incluídos, reflexão esta que pode induzir o leitor a buscar outros textos que não aqueles inseridos na coletânea, e que podem igualmente lançar luz em aspectos pouco conhecidos do autor e da obra” (p. 36).

Já “Fragmentos ou máximas: uma antologia natural dos poetas trágicos gregos?”, de Orlando Luiz de Araújo, lida com as especificidades desafiadoras do caso de antologizar e traduzir textos antigos. Cabe destacar a sua

análise do processo que atravessam os textos que necessariamente devem ser incluídos em antologias para viver na contemporaneidade, processo que remonta à antiguidade grega e que desde o começo está estreitamente ligado à intenção de preservar e transmitir. Nesse sentido, Araújo explica: “[...] tal sobrevivência só se tornou possível devido à repetição constante do material pelos mais distintos autores, mas, acima de tudo, por meio dos comentários, das anotações à margem do texto, dos excertos, das coleções e dos léxicos” (p. 58), incluindo essas outras mediações na série na qual se insere a tradução. Araújo não só acompanha o percurso de certos textos clássicos, mas analisa a dificuldade da fixação dos mesmos para a instância de seleção e antologia hoje em dia. Quando o autor introduz a ideia de “antologia natural”, no sentido de uma antologia que vai acontecendo de maneira inevitável, pensamos que poderia se relacionar com o que Barbara Korte (2000) denomina como *miscelânea* (“mistura”): uma imagem apropriada às compilações tais como eram realizadas precisamente na Inglaterra do Século XVIII. Em outras palavras, Araújo individualiza a forma em que as épocas que estuda preservam e divulgam, deliberadamente ou de forma menos programática, as obras que lhes são caras.

### Poética das antologias com relação a autores específicos

O segundo grande grupo de textos, que poderíamos definir como aqueles que se debruçam sobre os aspectos poéticos das antologias e a relação delas com a obra de certos autores, incluiria desde o nosso ponto de vista “Borges anto-

logista de Voltaire”, de Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa; “‘Tédio’ e ‘Moda’ na antologia brasileira do *Zibaldone di Pensieri*, de Leopardi”, de Andréia Guerini; “*Le poème continu*: Herberto Helder traduzido na França”, de Izabela Leal; e “Uma antologia sui generis: Sete faces do ‘Poema de sete faces’, de Carlos Drummond de Andrade”, de Berthold Zilly. Menos interessados nos amplos mapeamentos das antologias em tradução propostos pelas abordagens descritivas, e mais nas possíveis relações entre as seleções específicas e a imagem da literatura de um determinado autor que as mesmas projetam, esses quatro ensaios são importantes pela forma em que iluminam a interseção entre o projeto de uma antologia e sua condição de tradução, inserida na obra de um autor.

Em “Borges antologista de Voltaire”, Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa se debruçam sobre o lado antologizador de Jorge Luis Borges, fazendo referência ao interesse que o argentino tinha pela prosa francesa do Século XVIII, definida como “[...] a melhor prosa da história da literatura da França. Voltaire é admirável”, para citarmos o livro *Diálogos: Borges/Sabato* (2005: 32)<sup>11</sup>. Rastrear a afinidade de Borges com a literatura francesa pela via das seleções por ele realizadas é o objetivo de um texto com numerosas e ricas anotações sobre a obliquidade das mediações literárias. É digno de nota que, como os autores observam, “[c]uriosamente, para quem praticou

e pensou tanto a tradução, nas antologias Borges não dá muita atenção à tradução e os prólogos se referem pouco ao fenômeno tradutório” (p. 39). A pesquisa de Freitas e Costa tem ainda a virtude de mostrar como, ao entrar no universo borgiano, nos deparamos sempre com pontos de vista incomuns, como fica evidente pela antologia de Voltaire enquanto “escritor fantástico”. Com respeito a isso, os autores destacam que a antologia *Micromegas*, de Voltaire, da coleção Biblioteca di Babele, organizada e prefaciada por Borges, “[...] desvela um aspecto da obra voltairiana, o fantástico, pouco destacado pela crítica, e, ao mesmo tempo, contribui para ressaltar o lado ‘francês’ de Borges, tanto em relação a temas como a procedimentos narrativos e estilísticos, ainda não devidamente valorizado” (p. 49).

O ensaio “‘Tédio’ e ‘Moda’ na antologia brasileira do *Zibaldone di Pensieri*, de Leopardi”, de Andréia Guerini, poderia também estar no primeiro grupo, por ser parte de um projeto de tradução em andamento. Porém, foi colocado aqui porque o eixo do texto é a reflexão sobre a ideia da antologia como uma maneira idônea para veicular os textos que compõem o *Zibaldone di pensieri*, pela profusão desses escritos e pela dispersão e ineditismo que eles tiveram até o século XX. Discutindo a antologia de Marco Lucchesi, *Giacomo Leopardi. Poesia e prosa* (1996), a autora observa, nos textos selecionados pelo antologizador brasileiro, a baixa ocorrência das palavras *tédio* e *moda*, fundamentais ao seu ver em Leopardi. A análise da frequência desses conceitos na antologia traduzida permite que Guerini observe: “[n]o *Zibaldo-*

<sup>11</sup> BORGES, J. L.; SABATO, E. *Diálogos: Borges/Sabato*. Organizado por Orlando Barone. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Globo, 2005.

*ne di pensieri* a ocorrência da palavra *moda* é de 26 vezes e a da palavra *té-dio* 174 vezes. Na antologia brasileira do *Zibaldone*, encontramos apenas uma ocorrência da palavra ‘moda’, e as poucas reflexões sobre ‘tédio’ aparecem principalmente em ‘Considerações filosóficas” (p. 104). Isso revelaria que a antologia de Lucchesi foi montada a partir de um recorte temático que privilegiaria outros aspectos da obra de Giacomo Leopardi e, como indica Guerini, nos leva a pensar a multiplicidade de antologias, “livros possíveis” (p. 106) que estão contidas em um corpus tão amplo como o *Zibaldone*. Não menos importante, o artigo funciona como uma pertinente atualização dos estudos leopardianos no Brasil, oferecendo ao leitor numerosas e ricas referências de pesquisas recentes.

Já “*Le poème continu*: Herberto Helder traduzido na França”, de Izabela Leal, retoma a discussão de longa data sobre a imagem de um determinado autor que a imbricação entre a tradução e antologia apresentam, referida por Guerini neste volume e introduzida por vários dos autores citados no começo desta resenha. Leal leva adiante uma comparação de antologias feitas com os textos do poeta português em Portugal e na França. Em primeiro lugar, propõe uma discussão acerca do processo antologizador realizado pelo próprio Helder, de acréscimos e supressões em uma reunião em aparência total do seu trabalho, gesto sobre o qual explica: “[i]ronicamente, a obra completa do autor nunca é de fato completa” (p. 113). Se no *Zibaldone* o movimento da antologia é posterior a Leopardi, vemos aqui uma discussão da ingerência do poeta em vida no deslocamento/

reorganização que a publicação requer. Além disso, Leal debate o nome que a antologia francesa recebeu: *Somme antologique*, que, além da polissemia da palavra *somme*, poderíamos dizer que ecoa num trocadilho a célebre obra de Tomás de Aquino, *Suma teológica* (*Somme théologique*).

“Uma antologia sui generis: Sete faces do ‘Poema de sete faces’, de Carlos Drummond de Andrade”, de Berthold Zilly, nos concede a oportunidade de ler uma exclusiva antologia em tradução feita por uma famosa editora atuante no Brasil, com sete versões do poema de Drummond em português, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão e latim. Vale a pena destacar que essa antologia não foi comercializada, sendo distribuída apenas a críticos e jornalistas em Frankfurt, em 2011, e em Paraty, no mesmo ano. Isso traz à tona um dos aspectos mais problematizados quando se fala em antologia: seu viés exclusivista, tanto no que diz respeito aos textos compilados (que colabora para a criação de cânones e para a marginalização do que não entra nas seleções); quanto no que concerne ao direcionamento de um público-alvo para o produto editorial (sujeito a acusações tanto de “popularização” quanto de “elitismo”). Zilly, em sua ambiciosa “reantologia”, adiciona ainda a versão do poema datada de 1930, o que lhe permite propor comparações e análises inter e intralinguísticas, e anotar sobre o poema: “as suas transfigurações em outras línguas foram arrancadas daqueles novos contextos estrangeiros, para voltarem ao Brasil, para fazerem companhia direta à sua matriz, ao poema-fonte, para homenageá-lo, comentá-lo, multiplicar as suas sete faces” (p.

158). Desta maneira, a repetição do poema de Drummond transforma-se na série, coleção, que é articulada com a tradução como operação não somente linguística.

### Outros artigos

Há na coletânea um texto que funciona como ponte com a vertente descritiva dos Estudos da Tradução. Escrito, não por acaso, em inglês, trata-se de “Translation & Imagination. Localism and topicality in the ‘world’ literature of the 1940s”, de Alexandra Lopes. Retomando ideias já maduras, e ainda desconfortáveis segundo seu olhar, de que a literatura é feita grandemente por reescritas “menores” (tradução, antologia), a autora relata uma pesquisa sobre traduções portuguesas que compuseram uma coleção de literatura inglesa, definida como um macrotexto, na metade do Século XX. Lopes apresenta referências consistentes, alinhada com pesquisadoras atentas ao fenômeno duplo de tradução/compilação, tais como Teresa Seruya e Patricia Baubeta. Partindo da premissa de que lidar com literatura mundial é lidar com tradução, Lopes critica “[...] an understanding of translation as an instrument that is metaphorically invited to self-destruct after serving its purpose” (p. 65). Na construção da literatura mundial que a série termina fazendo, haveria uma tensão entre o paratexto e a poética da tradução, sob a autoridade de um editor muito visível. Assim “[w]hile the sanctity of the novels and their authors is emphatically reiterated in the paratextual material, authorship and authorial idiolect are metamorphosed into acceptability” (p. 67). Essas observações demonstram quão im-

portante é a articulação entre um nível para e intratextual na pesquisa sobre seleções em tradução, na medida em que esses dois planos não são necessariamente coerentes e homogêneos. O percurso prévio de Lopes nesse tópico específico dos estudos sobre as formas de reescrita lhe oferece a possibilidade de realizar uma análise descritiva clara e aprofundada, podendo despertar o interesse de pesquisadores e pesquisadoras sem familiaridade direta com o assunto. Ao mesmo tempo, a análise da forma em que certas obras da literatura mundial foram introduzidas em Portugal possui várias ligações possíveis com o sistema literário brasileiro, o que no futuro poderia gerar importantes investigações.

Finalmente, há outros textos no volume que, embora não tratem unidirecionalmente da questão de antologias, coletâneas e coleções em literatura traduzida, são representativos da variedade e do valor das pesquisas acadêmicas atuais no Brasil. É o caso de “Séries de TV, Cinema e Tradução: as formas atuais de publicação e divulgação de obras”, de Sinara de Oliveira Branco; e de “A tradução de ko nas narrativas míticas Ka’apor: interfaces nas marcas de tempo, de lugar e de modalidade”, de Raimunda Benedita Cristina Caldas. Neste último, a autora relata uma pesquisa de campo transdisciplinar, de interesse tanto para a linguística quanto para a literatura, tendo como implicação a realização de uma antologia de narrativas Ka’apor.

Há diálogos que poderiam ser estabelecidos entre os artigos recém comentados. Alguns foram brevemente esboçados, enquanto outros estão

esperando ser levantados. Pensamos que uma articulação entre os grandes grupos que propusemos é uma maneira de colocar em contato a diversidade de olhares que a prática antologizadora em tradução por si só propicia. Por exemplo, quando Paulo Henriques Britto fala em “seleção natural” (p. 28) de textos para compor antologias, com critérios de qualidade aparentemente imanentes às obras, está defendendo também um olhar que se desprende da sua prática não só acadêmica, mas igualmente ligada ao mercado editorial. Por outro lado, Alexandra Lopes, com um posicionamento descritivo e com a distância da pesquisa em parte histórica, pensando com relação a quem escolhe os textos que comporão uma antologia, quem fará a tradução, como será essa tradução etc., introduz no conjunto deste volume a direção sociológica que muitas pesquisas da área tomaram nas últimas décadas. Ou seja, enquanto Britto parece ver a manipulação inevitável da dupla tarefa (tradução/antologia) como algo metafísico, mas não por isso menos ligada à prática, Lopes traz a discussão para um campo político, ideológico, sociocrítico.

Em *Literatura traduzida: Antologias, coletâneas e coleções*, é possível encontrar exemplos de pesquisas em tradução que problematizam o método das seleções, servindo como referência e comparação para outras pesquisas. O livro, portanto, é bem-vindo, pois demonstra a existência de um debate acadêmico qualificado sobre o processo de antologia, coletânea e coleção, razão pela qual se pode vislumbrar que a reflexão sobre antologias e tradução tende a crescer. Trata-se do Volume I da coleção

Transletras, da editora Substância, que propõe questões ligadas à tradução, o que nos deixa em boa expectativa quanto aos próximos volumes.

Paulo Henrique Pappen  
PGET/UFSC  
paulohpappen@gmail.com

Rosario Lázaro Igoa  
PNPD/CAPES-PGET/UFSC  
rosilazaro@gmail.com